

Notícias

A pacífica invasão de Évora

VII Encontro Nacional dos TOC levou até ao Alentejo cerca de 800 pessoas

«Eis-me de novo em Évora, por uma manhã de sol. (...) O sol limpa-lhe a face, a colina ergue-a na mão como um objecto de preço. Fico de pé a vê-la (...) olho a massa escura de S. Francisco, as torres negras da Sé, os blocos brancos dos prédios construídos uns nos outros, e, em volta, como um espanto da cidade, a imensa planície (...).

Cidade milenária dormindo o sono da planície, entre os restos deixadas pelas raças e povos que vieram, se cruzaram, partiram. (...)

A cidade resplandecia a um sol familiar, branca, enredada de ruas, como de velhas ciladas, semeada de ruínas, de arcos partidos, nichos de santos das orações de outras eras, janelas góticas (...) Évora mortuária, encruzilhada de raças, ossuário dos séculos, como te lembro, como me dóis!»

A descrição é de Vergílio Ferreira e pode ser encontrada nas páginas de «Aparição», livro editado pela primeira vez há precisamente 50 anos. Apesar do meio século, continua actual.

Por isso, as cerca de 800 pessoas que, no passado dia 11 de Julho, se deslocaram até Évora, para o VII Encontro Nacional dos TOC, concordarão com o escritor.

Évora foi, nesse dia, uma «encruzilhada» de Técnicos Oficiais de Contas, que até ali foram chegando dos mais diversos pontos do País, Regiões Autónomas incluídas, com a certeza de passarem umas horas bem diferentes da azáfama do dia-a-dia.

À hora prevista, no Monte Alentejano do Rossio de S. Brás, um amplo espaço aberto, fora das muralhas da cidade, começavam a juntar-se os primeiros convivas. Vinham de longe, alguns, outros conheciam a cidade como as próprias



O Templo Romano foi um dos pontos obrigatórios do roteiro turístico-cultural do Encontro dos TOC



Uma ampla tenda acolheu o almoço na Quinta do Louredo

mãos, mas todos foram em busca da história e da surpresa.

A organização disponibilizara seis guias profissionais que, com outros tantos grupos, partiram para uma pacífica «invasão.» Primeiro o Jardim de Évora, com o que resta do Palácio de D. Manuel (séc. XVI) e as ruínas fingidas do séc. XIX.

Depois, cidade dentro, ruas estreitas, o branco nas paredes, o azul no céu. A guia é atenciosa, vai explicando pormenores, incentivando a curiosidade. A chegada ao Largo de S. Francisco, com a Capela dos Ossos e a Igreja Real de S. Francisco, dá-se pouco tempo depois. Por ali pode ser observada enorme profusão de estilos, materiais e cores, espelho das tendências arquitectónicas que venceram os séculos. O sol alentejano, normalmente inclemente nesta altura do ano, raia no seu esplendor. Mas não agride. Há até uma brisa que reconforta, e isso dá mais alento às centenas de TOC que, por aquela altura, andam já espalhadas pela cidade, olhando os legados do passado.

Milénios de história

A Sé há-de ser o ponto de paragem seguinte. Mas, antes, o roteiro leva os TOC e familiares à Praça do Giraldo e ao fervilhar das suas arcadas. É o centro económico e social da cidade. Sobe-se a Rua 5 de Outubro, com as suas lojas para turistas, chega-se, enfim, à negritude da Catedral. Estamos no reino do granito, diante de oito séculos de história. A Sé é um espelho das eras: exhibe o românico, o gótico, o neoclássico. É um edifício imponente e austero. Todas as suas rosáceas são

diferentes, esconde no seu interior um órgão do século XVI que «continua a trabalhar na perfeição» e um conjunto de telas dos séculos XVII e XVIII incapazes de disfarçarem o peso dos anos e a evidenciarem a necessidade de restauro.

A viagem prossegue. O Templo Romano (impropriamente chamado, segundo as últimas pesquisas, de Templo de Diana) está próximo. São milénios de história que se erguem e que teimaram em resistir à erosão do tempo e dos homens. Foi construído no século I em honra de Júlio César e conheceu tentativas várias de aniquilamento e extinção. Resistiu e é hoje um dos principais símbolos da cidade que, em 1986, foi elevada à categoria de Património Cultural da Humanidade.

No mesmo Largo Conde Vila Flor deu-se o primeiro grande encontro da “família” TOC. O Palácio dos Duques de Cadaval e o seu restaurante serviram de “anfitriões” para o «Évora de Honra». As várias centenas de pessoas que, nas horas anteriores, deambularam pelas ruas da cidade, retemperaram energias, reviram amigos, aprofundaram conhecimentos, debateram as últimas notícias do fim-de-semana, contaram anedotas e abriram os sorrisos.

A manhã caminhava a passos largos para o seu epílogo mas não encerraria sem a missa na Igreja de Santo Antão, em memória de todos os TOC falecidos. O recinto encheu-se para um momento de maior recolhimento e os presentes puderam assistir a uma homília dirigida, em parte, para os perigos e “tentações” que os profissionais podem enfrentar no seu trabalho diário.

Évora cidade estava prestes a ficar para trás. Não tardaria e largas dezenas de automóveis partiriam em busca do repasto, música e animação. A cerca de cinco quilómetros da cidade, a Quinta do Louredo estava já pronta para receber a imensa “família” TOC para a continuação de um dia de convívio memorável.

União e resistência

O período dedicado ao repasto foi momentaneamente interrompido por curtas alocuções. António Nabo e Armando Ribeiro, os principais dinamizadores da exemplar organização, que contaram ainda com inexcelável colaboração de João Carmo, José Espanhol e Manuel Sousa, fizeram as honras

da casa. António Nabo começou por lembrar os presentes que este «Encontro dos TOC é o último sob a égide do velho Plano Oficial de Contabilidade e já com todos a olharem para o novo Sistema de Normalização Contabilística. A Contabilidade vai deixar de ser apenas fazer lançamentos para passar a ser fazer relatórios e peças financeiras de apoio à tomada de decisão», acrescentou. Pese embora a jornada de convívio, António Nabo não se coibiu de, com realismo, mas sem dramatismo, alertar que a crescente exigência dos pedidos de informação que vão chegando aos TOC faz adivinhar que «o futuro nos reserva mais trabalho.»

Armando Ribeiro afirmou que a «cidade-museu» tem estado, desde sempre, ligada à evolução da profissão de Técnico Oficial de Contas, tendo recordado, com especial saudade, diversos momentos emblemáticos, dos quais destacou uma sessão de esclarecimento sobre o POC, sob a orientação de Alves da Silva, realizada em 1978. «São situações destas que fazem a história da profissão», disse. Sem qualquer pré-aviso, Armando Ribeiro chamou ao palco Alves da Silva, uma referência para todos os TOC portugueses, para ofertar-lhe, tal como fizera há 31 anos quando o recebeu, pela primeira vez, na sua casa de Évora, um pão típico do Alentejo. «Esta é uma profissão com futuro, mas preparem-se para as alterações que aí vêm», declarou Alves da Silva.

Domingues de Azevedo congratulou-se pela adesão em massa a este convívio, tendo classificado o VII Encontro dos TOC como «o maior de sempre.» «O interior merece todo o nosso apoio», referiu. O presidente da CTOC enalteceu a necessidade de cultivar, como na ocasião, o espírito de confraternização e solidariedade, visando enfrentar os desafios e as dificuldades que diariamente surgem no caminho.

O processo de passagem da Câmara a Ordem foi um dos exemplos. «Se há 13 anos confessássemos a nossa ambição em chegar a Ordem, tal seria considerado uma heresia. Hoje, esse processo está em curso e mesmo que não seja conseguido, estaremos cientes que podemos perder uma batalha, mas não iremos perder a guerra.» Domingues de Azevedo acrescentou que o «poder político reconhece a importância da profissão, agora se a política recusa dar mais um passo na dignificação da classe, isso já não é um problema dos TOC». Perante as adversidades, o responsável máximo da Câmara exortou os profissionais a demonstrarem uma atitude de «união



No período dos discursos, os anfitriões deram as boas-vindas a todos os participantes

e resistência. Chamem-nos mangas-de-alpaca ou “velhos do Restelo”, mas provámos em actos, o que outros apenas demonstram por palavras.» Antes do regresso às delícias gastronómicas que a organização providenciou para o almoço, Teresa Tadeu, representante da governadora civil de Évora, não escondeu a sua satisfação pelo facto de a escolha para cidade organizadora do Encontro dos TOC ter recaído na cidade de Évora, tendo salientado a sensibilidade e a hospitalidade das gentes do Alentejo.

A hora dos cantes e do fado

Numa tenda gigante, para um grupo imenso, passaram-se as horas seguintes. A tarde ia já a meio e por entre o convívio de gente de todos os pontos cardeais, surgiu a música. Primeiro os sons tradicionais do Alentejo na versão do grupo «Cantes do meu cante». Depois, um desfile de fadistas: Júlio Parreira, Rui Lopes, Patrícia Leal, João Rosado e o “menino” José Geadas. As guitarras prenderam a atenção dos convivas, as conversas corriam animadas, as gargantas eram solicitadas com frequência, enquanto, calmamente, era entregue também a todos os participantes uma recordação do VII Encontro que a organização teve o cuidado de providenciar: uma caixa com duas garrafas de vinho da Adega da Cartuxa para os adultos e um livro para crianças.

«Évora é uma cidade branca como uma ermida. Convergem para ela os caminhos da planície como o resto da esperança dos homens», escreveu Vergílio Ferreira. Em Évora foi assim. Para ela convergiram os Técnicos Oficiais de Contas de todo o País, cientes da importância histórica da cidade, da relevância do Encontro e da certeza de terem passado, em definitivo, um dia diferente. ■